

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
8º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 19 – 24.08.2017

Assunto principal: O complexo parental e a elaboração do luto patológico. Defesas: neurótica, psicopática e psicótica.

Referência: Filme *Acerto Final* (1995). Direção: Sean Penn. Elenco: Freddy Gale (Jack Nicholson), John Booth (David Morse) e Mary (Angelica Houston).

Psicologia Simbólica Junguiana, cap. IX: O Arquétipo Matriarcal.

Boa noite a todos.

Hoje é a nossa 19ª aula, na qual abordaremos a elaboração de um luto patológico nos complexos matriarcal e patriarcal fixados.

O casal Mary e Freddy, hoje separado, tinha 3 filhos. Emily, a primogênita de 7 anos, faleceu atropelada por John Booth, que estava dirigindo embriagado e foi condenado a cinco anos de prisão por homicídio culposo, ou seja, não intencional. Os dois meninos gêmeos têm agora 7 anos. Mary casou-se novamente com Roger, a quem os meninos chamam de pai.

A tipologia arquetípica do casal é da maior importância no enredo, porque Freddy é de dominância matriarcal acentuada. Sua incapacidade de elaboração da morte de Emily gerou uma fixação com duas defesas de dominância matriarcal, alcoolismo e promiscuidade sexual com voyeurismo. Ela gerou também, uma terceira defesa com dominância patriarcal que domina sua personalidade e dá sentido à sua vida. Essa terceira defesa é a vingança defensiva e a obsessão pelo assassinato de John Booth. **Essas três defesas atuam a Sombra conscientemente, e por isso, são dolosas o que as situa dentro da estratégia psicopática.**

Devido à intensa dominância matriarcal na personalidade de Freddy, a fixação e as três defesas estão em ilhas, que, apesar de extensas, permitem a atividade profissional dele na sua joalheria. No entanto, a dominância da defesa da vingança e da ideia

obsessiva de homicídio é tão abrangente, que nos leva ao diagnóstico não só de **defesa psicopática**, mas também de **personalidade psicopática**.

A intensa dominância patriarcal na personalidade de Mary permitiu a ela, organizar o funeral de Emily, fazer terapia do luto, organizar sua vida, cuidar da casa, dos meninos e trabalhar como corretora de imóveis. Casou-se com Roger, pessoa muito íntegra, afetiva e trabalhadora, que a apoia a ponto dos meninos o chamarem de pai e se referirem ao pai biológico, que os visita, como Freddy. Mary fez terapia de grupo para elaborar o luto, mas veremos, no decorrer do filme, pela dificuldade que ela tem de lidar com a dor de Freddy, que ela também sofre de uma fixação do luto contida por uma defesa repressiva patriarcal de estratégia neurótica, ou seja, culposa pelo fato de ser involuntária.

John Booth é filho único, tem por volta de trinta anos, estudou pouco e não tem profissão definida. Seus pais sempre foram muito dedicados, mas o mimaram e enfraqueceram. Ele é inteligente e sensível e tem uma tipologia arquetípica mista. Sua pujança patriarcal o levou para o consumo de álcool exagerado, que não chega a ser alcoolismo e a uma instabilidade profissional com pouca constância e dedicação. Sua exuberância patriarcal também é acentuada e, depois da tragédia, passou a atormentá-lo com culpa obsessiva, depressão defensiva e tendência suicida. Numa crise de desespero na prisão, ele bateu a cabeça violentamente na grade da cela e abriu um corte que deixou uma grande cicatriz em sua testa. **Ele sofre, também, de luto patológico pela morte de Emily. Sua defesa depressiva suicida neurótica complementa a defesa vingativa, homicida psicopática de Freddy e isso reúne o destino dos dois.**

John sai da prisão após cinco anos e Freddy exulta porque agora, finalmente, vai poder matá-lo. Ele vai visitar Mary para contar-lhe a grande notícia. Ao entrar na casa dela e de Roger, seu complexo fixado (a morte de Emily) se exacerba muito, pois vê o lar que foi seu com Emily e uma cerâmica que ela gostava muito. Seus filhos o chamam de Freddy. Ele quer partilhar sua fixação com Mary, mas quando lhe diz, como uma notícia espetacular, que John saiu da prisão e que ele vai matá-lo, Mary o expulsa de casa. Freddy tinha prometido, em juízo, nunca mais falar de Emily com ela. Incapaz de conter sua fixação, devido á rejeição de Mary, a defesa psicopática de Freddy passa a psicótica. Sua agressividade o possui, ele explode com a mágoa de não ter sua casa e seus filhos e dá uma gravata em Roger, que não se deixa contaminar pela agressividade de Freddy e “lhe oferece um café”. Essa conduta tricksteriana, mas, sobretudo Zen, de Roger, desarma a defesa patriarcal psicótica de Freddy e ele retoma a expressão de sua Sombra com a defesa psicopática, indo embora da casa de Maty.

As defesas de dominância matriarcal foram descritas como histeria no passado. Pelo fato de frequentemente incluírem, dentro da defesa psicopática, as funções de dramatização, fingimento, manipulação, mentira e sedução, a histeria ficou desmoralizada na cultura e até mesmo na psiquiatria. Suas manifestações estão hoje separadas e situadas no DSM-5 como síndromes dissociativas e em vários quadros de transtorno de personalidade, mas, com isso, seu agrupamento como expressão do Arquétipo Matriarcal foi abandonado. Outro fator que desqualificou as manifestações históricas, dentro da mentalidade patriarcal da psiquiatria, foi a **apresentação dos sintomas em ilhas**, deixando preservadas muitas funções na personalidade e também a **labilidade dos sintomas**, que podem ser expressos num momento e, logo a seguir, voltar ao inconsciente, dando lugar às funções normais. Tudo isso levou a dominância patriarcal da psiquiatria a considerar os quadros clínicos de dominância matriarcal “pouco sérios”, sem merecer qualquer esforço de compreensão psicodinâmica e a despertar a rejeição e a agressão defensivas dos terapeutas.

No entanto, apesar de não ter sua psicodinâmica reconhecida na sua natureza matriarcal, essa patologia pode ser grave e acometer a personalidade em vários níveis de transtorno que varia dentro da psicodinâmica neurótica, psicopática, *borderline* e psicótica. Assim, sua variabilidade, instabilidade e labilidade podem dificultar a precisão diagnóstica, mas, por isso mesmo, a categoria arquetípica matriarcal, apesar de muito abrangente, pode expressar melhor a sua natureza psicodinâmica arquetípica do que sua pulverização nas várias categorias dos transtornos de personalidade do DSM IV e V, como tão bem explicou o filme *Zelig*, de Woody Allen.

Nesse sentido, o pequeno surto de Freddy ao visitar Mary, apesar de logo contido, não deixa de ter a gravidade psicótica, que pode vir a ser homicida e suicida. A automutilação de Édipo, ao ter sua consciência invadida pela Sombra com um complexo incestuoso e parricida fixado, é um exemplo significativo de um surto psicótico matriarcal e patriarcal reativo e circunstancial.

Apesar de podermos ver a automutilação de Édipo como um equivalente da autocastração patriarcal por culpa, podemos vê-la também como a expressão matriarcal psicótica da impossibilidade de ver a Sombra naquele momento. A prova disso é que depois da automutilação, ele sai do surto e elabora sua Sombra pelo resto da vida expondo-se na peregrinação. Guiado por Antígona (Anima), ele revela e expõe publicamente sua cegueira, sua miséria existencial e sua tragédia até ser glorificado em Colona no santuário das deusas mães e recebido por Teseus em Ática como santo e sábio (Ver *Psicologia Simbólica Junguiana*, último capítulo).

Freddy continua sua atuação defensiva sexual promíscua, seu alcoolismo e sua obsessão de matar John Booth. Uma noite ele tem um sonho que o abala profundamente. Ele dirige um carro que se aproxima da escola de Emily. As crianças estão atravessando a rua e o guarda é John Booth. Ele tenta frear o carro, mas o freio não obedece. Ele tenta desviar o carro, mas também não consegue e atropela Emily. Ele acorda desesperado e pede ajuda a Mary que vai encontrá-lo num café.

O sonho traz uma mensagem simbólica prospectiva muito importante. Se compreendermos o símbolo de Emily como a função estruturante afetiva do drama, percebemos que, devido à obsessão pela vingança, ele está destruindo sua afetividade e, por isso, John Booth é o seu guardião. Não há dúvida que na sua atuação vingativa homicida, Freddy está também numa forte tendência depressiva suicida, outro significado do símbolo dele matar Emily. Mas porque John Booth é o seu guardião? Aqui vemos a criatividade simbólica onírica extraordinária do Arquétipo Central, indicando que aquele a quem Freddy quer matar é o protetor da sua função afetiva, ou seja, que a relação com John Booth traz embutida o possível resgate da função afetiva de Freddy, sua cura e salvação no seu processo de individuação.

Frequentemente a Sombra contém símbolos essenciais ao processo de individuação. Os neuróticos e os pecadores que confrontam sua Sombra podem chegar ao *insight* que ela contém partes importantes e às vezes centrais da sua identidade e essenciais tanto para sua ruína como para sua cura. Rainer Maria Rilke, o poeta alemão, que escreveu as célebres *Cartas a um Jovem Poeta*, afirmou que jamais faria análise porque, junto com seus demônios, poderia perder os seus anjos, ou seja, a sua criatividade.

Quando o analista não conhece o processo criativo e ele mesmo não é uma pessoa criativa, ele corre o risco de, junto com a Sombra, interpretar negativamente funções estruturantes criativas e cercear a personalidade do seu paciente. Os americanos chamam o processo analítico de *head shrinking*, encolhimento da cabeça, o que se refere exatamente a esse cerceamento. Uma das propostas essenciais da análise Junguiana é não cortar defesas e sim transformá-las em seus equivalentes normais. Reduzir os sintomas e muitas funções exclusivamente à patologia, como frequentemente faz a psiquiatria, é uma atitude cirúrgica que muitas vezes se mostra incapaz de simbolizar o sintoma e diferenciar seu aspecto construtivo do seu aspecto destrutivo e, assim fazendo, pode prejudicar o desenvolvimento da personalidade.

A perspectiva simbólica é tão importante na psicoterapia psicodinâmica, exatamente porque ela é bipolar e permite ao terapeuta perceber a função

estruturante normal correspondente à função estruturante fixada e defensiva, ou seja, patológica. É este enfoque simbólico que nos faz compreender que a obsessão de Freddy de matar John, como sua razão de viver, é a função estruturante fixada e defensiva que corresponde à função estruturante normal de sua busca de salvação e de totalidade. Por isso, no sonho, John é o protetor de Emily, da função afetiva de Freddy, que poderá conduzi-lo à cura do luto patológico. Como, porém, conseguir essa transformação? Certamente não é pelo caminho adotado por Mary, que, patriarcalmente, deixou a morte de Emily para trás, mas também não parece ser o caminho da vingança escolhido por Freddy. Qual então poderia sê-lo?

A vida é uma caminhada durante a qual se revela nosso processo de individuação. Ela é demarcada por símbolos, uns normais, outros sombrios, que assinalam nossa participação na luta entre o Bem e o Mal durante nossa peregrinação em busca do todo. Alguns percebem esse caminho dentro de uma articulação de símbolos que delineiam o mito individual. Muitos são os que permanecem fixados ou acomodados e condenados à estagnação repetitiva. Freddy era um atormentado, cuja própria fixação lhe impunha redenção e salvação, ou morte. Lembrando o atormentado índio Isaías, personagem do livro *Maíra*, de Darcy Ribeiro que escreveu que, “Deus persegue aqueles a quem ama”, ou seja, muitos sofrimentos na vida nos fazem perceber, por intermédio de sua natureza simbólica, que existe uma realidade maior que pode nos guiar para a totalidade. Isso ocorre, frequentemente por intermédio da Sombra, do Diabo, como vemos no livro de Jó no Velho Testamento.

O Arquétipo Central ativa e convoca para o processo de individuação, símbolos que estão fixados na Sombra. Essa convocação é a **compulsão de repetição** que atormenta os portadores de fixações que são todos nós. Quanto mais o Arquétipo Central ativa esses símbolos fixados, mais as defesas se exacerbam, mais o paciente sofre e mais o Arquétipo Central o atormenta para que elabore suas fixações (seus pecados) e se liberte. Essa insistência do Arquétipo Central e o sofrimento que ela desperta é interpretada por muitos místicos como a perseguição de Deus àqueles a quem ama, ou seja, a quem quer salvar.

Assim aconteceu que Freddy retornou ao trailer no qual John mora, para matá-lo. Ele já havia lá estado antes, mas por um ato falho, quando puxou o gatilho, viu que não tinha carregado a arma. Desta vez, ele assegurou-se para que isso não acontecesse. John estava também armado, mas no momento em que poderia matar Freddy, não o faz e foge.

Ambos apresentam uma grande resistência para matar um ao outro. Essa resistência, apesar de inconsciente é normal e saudável, pois vivos, eles são a salvação um do outro, ao passo que assassinados selariam para sempre o seu calvário. Há uma grande perseguição e não sabemos para onde John está indo. Finalmente Freddy dele se aproxima e o atinge com um tiro nas costas. John está quase no seu destino e apesar de ferido, lá consegue chegar. É o túmulo de Emily, ao lado do qual ele se deita.

Na proximidade da morte, o Arquétipo do Herói pode deixar a fixação destrutiva e atuar criativamente. Junto com os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na atitude ativa, os Arquétipos da Anima e da Alteridade passam a se expressar de maneira ativa pelos dois homens, criando uma nova possibilidade existencial até então impensável. Essa vivência nos lembra a lenda do “canto do cisne”, que adquire a capacidade de entoar um lindo canto antes de morrer. Ela nos lembra também “a visita da saúde” que é uma grande melhora dos doentes na proximidade da morte.

Deitado, sangrando, sobre o túmulo de Emily, John fala com ela e lhe pede proteção de seu pai que se aproxima. É uma imaginação ativa (Jung) espontânea e dramática. Freddy vê o túmulo pela primeira vez e se dá conta de que a lápide é cor de rosa o que confirma, como havia afirmado Mary, que ele nunca havia estado lá antes. Trata-se da grande regressão dos que não fazem análise para reencontrar-se, mas a quem a vida (Deus) obriga a ir até o fim. Freddy se ajoelha ao lado de John, diante da lápide de Emily. Entrega-lhe a arma e lhe pede perdão. Nesse momento, John encarna o guarda protetor das crianças do sonho de Freddy. É a sincronicidade de um sonho com o processo de individuação. Os dois homens se dão as mãos e um novo dia começa a raiar. A aurora comemora o resgate e a cura das duas almas fixadas no luto patológico... Esse novo dia é o símbolo da grande travessia e da vivência da vida além da morte.

Na 20ª aula, estudaremos a relação da Anima e do Animus com a Sombra, as defesas neurótica, psicopática e psicótica, expressas na conjugalidade, no filme *Atração Fatal* (1987), dirigido por Adrian Lyne, com Michael Douglas e Glenn Close.

Para a próxima aula, peço a vocês lerem Psicologia Simbólica Junguiana cap. X: O Arquétipo Patriarcal.

Boa noite a todos e até lá,

Byington